

Onde é que há gente no mundo?

Giancarla Brunetto*

*“Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita, Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel
, Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...
Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia
Que contasse, não uma violência, mas uma covardia!
Não, são todos o Ideal, se os ouço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
príncipes, meus irmãos, Arre, estou farto de semi-deuses!
Onde é que há gente no mundo?
Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?
Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído.
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.”*

FERNANDO PESSOA, poema Linha Reta, in: Obra Poética

Linha Reta é um visceral poema de Fernando Pessoa sobre a humanidade e a desumanidade. Nem todos são humanos pelo fato de pertencerem à mesma espécie. Há os campeões, os príncipes, os semi-deuses. E há os porcos vis, parasitas sujos e ridículos, grotescos, arrogantes e mesquinhos, capazes de “sofrer a angústia das pequenas coisas ridículas”. Quando o poeta se auto-condena “.vil, literalmente vil, Vil no sentido mesquinho e infame da vileza”, ele declara toda a sua humanidade. Não se espera dos príncipes, dos semi-deuses, tampouco dos deuses, que sejam vis, nem tampouco humildes.

Existem uns mais humanos do que outros? Estariam uns mais próximos do paraíso do que outros? Parece que nem todo humano é gente. Mas o reconhecimento de nossa identidade se manifesta em relação. O “eu” como referência de si, do outro e do mundo, o “eu” como representação e intencionalidade, o “eu” que só se apreende e compreende, em relação, mesmo que seja indesejada ou impossível, é sempre uma relação com “outrem”. Só me reconheço como “eu” diante e porque existe “o outro”, mesmo que esse “outro” seja pelo meu “eu” ignorado, subestimado, maltratado, invisibilizado. Sendo assim, nós enquanto humanos somos capazes de atos grandiosos e atos vis. A diferença está entre quem confessa ou encobre seus pecados, quem professa ou represa suas infâmias. Entretanto: “Onde é que há gente no mundo?”, pergunta Pessoa.

Fico a me perguntar qual é o sentido mais mesquinho e infame que a vileza pode ter. Vil como mesquinho, desprezível, repugnante, abjeto. Miserável. Sim, podemos qualificar um ser humano como vil, com relação a suas ações, suas atitudes, seu caráter. Porém, uma pessoa pode ser ou não ser vil, ela escolhe mediante o seu agir. O poeta clama pelo reconhecimento de uma humanidade perdida. Sendo perdida, pode e deve ser resgatada. Ele provoca: nem todo o ser humano é humano, mas torna-se gente. A liberdade dos sujeitos que possibilita a busca da libertação de uma realidade opressora. o ser humano é sempre inacabado, e por isso um constante projeto de si mesmo, e que mediante a intencionalidade da ação busca revolucionar a si mesmo, para poder revolucionar o mundo em que vive.

Como o próprio Freire diz, sobre o papel da conscientização, nas Primeiras Palavras de A Pedagogia do Oprimido, referindo-se a algumas observações nos cinco anos de exílio:

“Não são raras as vezes em que participantes destes cursos manifestam o seu “medo da liberdade”, se referem ao que chamam de “perigo da conscientização”. A consciência crítica (dizem...) é anárquica”.
(P. FREIRE, 1985, p. 19)

Temos aqui a primeira aproximação da pedagogia de Paulo Freire com o Anarquismo. Liberdade, conscientização e revolução. O processo de humanização é portanto um processo de libertação. Em um sentido social, político, equivale dizer que os que são oprimidos, os que são excluídos, enfim, violados - em uma perspectiva dos direitos humanos que visam a dignidade humana, sempre - são exatamente essas pessoas “desumanizadas” que mediante o processo de conscientização levará ao caminho da libertação diante de uma relação de opressão, não há humanização, não há o reconhecimento do outro, da liberdade do outro.

O paradigma anarquista

Podemos conceber uma escola sem direção? Um Estado sem governo? Supondo que sim, seria esse novo modelo de escola uma des-ordem, esse novo modelo de Estado um des-governo? Para o Anarquismo, não. As ideias e os ideais anarquistas e libertários que datam dos séculos XVIII ao XIX (seu ápice, digamos), até pretensamente seu esmorecimento no início do século XX. Se a falta de direção ou de governo fossem ideais anarquistas, estaríamos vivenciando-o plenamente na pós-modernidade, ou contemporaneidade. Há uma sensação de falta de sentido. Há uma desumanização flagrante nas relações interpessoais. Há violações dos direitos humanos mais fundamentais das pessoas.

Anarquistas como Proudhon, Kropotkin, Malatesta, Bakunin, apresentaram ideias anarquistas que tem em comum o caráter rebelde, transformador, libertador, revolucionário. São diferentes proposições, e por isso, o paradigma anarquista deve ser compreendido em sua unidade enquanto proposições sobre a transformação radical e libertadora, das subjetividades e das coletividades. E deve ser compreendido em sua pluralidade, já que o anarquismo é anárquico, e não é redundância afirmar isso, é enfatizar que a ausência de unidade é a unidade. É da própria seiva dessa forma de conceber o homem e o mundo: Faça o que tiver vontade, com o respeito pela liberdade.

O anarquismo é um princípio gerador segundo o qual se busca despertar a consciência crítica das pessoas, resgatar a humanidade do humano por meio da quebra dos condicionamentos que aprisionam o humano. Por exemplo, o Estado, as instituições, a propriedade privada, as relações de opressão, os modelos reprodutivistas, o status quo burguês responsável pela falência do projeto de modernidade. O anarquismo propõe a construção coletiva da liberdade, sempre respeitando as liberdades individuais, para a desconstrução da autoridade.

O humanismo para o anarquismo encontra-se na evolução permanente do ser humano. O homem é a célula, que parte do simples para o composto, na relação do singular com o coletivo. BAKUNIN percebia a importância da negação no processo dialético. Para ele, “a paixão pela destruição é também uma paixão criativa”, assim como para PROUDHON “a democracia não é nada mais do que o arbítrio constitucional”. O ser humano é a base do e para o anarquismo. O Estado é a maior negação do humano, pois é a maior forma de manifestação de arbítrio, de tolhimento da liberdade, das liberdades. Max STIRNER, chamado por Engels como “tranquilo inimigo de toda coerção”, frequentava a Liga dos Livres, e escreveu o Único e sua Propriedade, marco do Anarquismo Individualista. Os egos se unem solidariamente para não viverem solitariamente.

“O divino é a Causa de Deus; o humano é a causa do homem.

Minha causa, não é nem o divino nem o humano,

ela não é o Verdadeiro, o Justo, a Liberdade etc.

ela é apenas o Meu: não é geral, é Única,

como sou único. Para mim, não há nada acima de Mim.”

(MAX STIRNER, O Único e sua Propriedade)

A ideologia libertária anarquista se baseia na autodeterminação, na autogestão, e a fraternidade não é uma utopia, mas uma possibilidade que vem de um árduo trabalho de conscientização crítica. Governos não são fraternos, e democracias representativas não expressam as vontades dos representados. São sempre prioritariamente relações de e pelo poder, e que por ser essa a natureza dessas relações, elas são e continuarão sendo institucionais, arbitrárias, falsamente representativas, e fonte de opressão e dominação. Os anarquistas opõem-se ao Estado Burguês, aos modelos liberal e neoliberal, e também o comunismo, por se tratarem de formas que negam a liberdade humana:

“Detesto o comunismo porque trata-se da negação da liberdade e eu não posso conceber nada humano sem a liberdade. Não sou comunista ainda porque o comunismo concentra e absorve todas as forças da sociedade nas mãos do Estado, enquanto eu quero a abolição do Estado, que, sob o pretexto de moralizar e civilizar os homens, até hoje só os aviltou, oprimiu, explorou e depravou. Quero a organização da sociedade e da propriedade coletiva ou social de baixo para cima, pelo caminho da livre associação, e não de cima para baixo, por meio de qualquer autoridade seja ela qual for. É nesse sentido que eu sou coletivista e de nenhuma maneira comunista”. (BAKUNIN, 1983)

A verdadeira educação deve ser anárquica. Significa ser transformadora, deixar fluir a liberdade individual e congregar as liberdades coletivas. Educação que para ter esse caráter revolucionário – e para os anarquistas a educação nunca é neutra, sempre é política, e daí a sua importância primeira na formação do humano – deve ser exercida fora do contexto do Estado. O Estado produz e reproduz a violência na sociedade.

“O Estado só tem um objetivo, limitar, atar, subordinar
o indivíduo, sujeitá-lo à coisa geral:
ele só dura enquanto o indivíduo não tem sua plenitude
e é apenas a expressão limitada de meu eu,
minha limitação, minha escravidão...
O Estado quer fazer algo dos homens,
e por isso o homem é no Estado algo de
artificial, de fabricado...”

(MAX STIRNER, O Único e sua Propriedade)

Para o anarquismo, a educação tem um papel político sempre, nunca é neutra. A educação libertária anarquista vai de encontro à educação tradicional, reprodutivista, doutrinadora. São exemplos dessa pedagogia a educação burguesa, mantida por empresas, ou por instituições religiosas. A educação libertária é antidogmática, e se efetiva na e fora da escola: nas comunidades, associações, movimentos, nos coletivos. Para William GODWIN a humanidade deve prescindir da autoridade ditada pelos governos, e guiar-se pela confiança no sentido de justiça e na razão como guia. O paradigma anarquista na obra de GODWIN (*An Inquiry concerning political justice and its influence on general virtue and happiness*) preconiza a relação do homem com a natureza, e o uso da razão que é superior ao uso da lei.

Se por um lado o marxismo poderia ter catapultado os ideais anarquistas, bem como do socialismo utópico e do socialismo científico, podemos hoje observar a mesma situação de “xeque-mate” em que estão postas as principais ideias marxistas. O neoliberalismo avança no mundo globalizado, o Comunismo almejado não foi efetivado, senão com autoritarismo e arbitrariedade, e o modelo socialista parece ser ainda o caminho da utopia. O individualismo neoliberal, ainda que seja a maior prova da inexistência de justiça social e de bolsão de exclusão, ainda assim predomina no Estado Burguês, no Estado Capitalista, no Estado.

A escola continuou – e continua sendo, como já fora afirmado pelos anarquistas – um dos mais importantes aparelhos hegemônicos, aparelhos ideológicos do Estado. O “mérito do fracasso educacional” é a permanência da escola que reproduz, que não pensa. Uma escola que não pensa, uma universidade que não pensa, humanos que não pensam. Uma força de expressão para resumir os tempos de hoje. A atualidade das discussões que há três séculos se fazia, e que não perdeu nada a sua atualidade. O caos é a pretensa ordem, imposta, arbitrária, que engessa as mentes.

REFERÊNCIAS

BAKUNIN, Mikhail Alexandrovich Deus e o Estado. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____ Textos Escolhidos. Porto Alegre: L&PM, 1983.

COELHO, Plínio Augusto História do Anarquismo. São Paulo: Editora imaginário, 200

VARES, Luis Pilla O Anarquismo: promessas de liberdade. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1988.

WOODCOCK, George História das Ideias e Movimentos Anarquistas. 2 Vols. (Vol. I – A Ideia Vol. II – O Movimento) Porto Alegre: LPM, 2002, pp. 273-313